

AUTISMO E INCLUSÃO: ASPECTOS SOCIAIS.

ANA LÍDIA ALVES DA CUNHA¹

ADRIANA PRYSCILLA DUARTE DE MELO²

RESUMO: O artigo tem como objetivo discutir a inclusão de crianças com o transtorno do espectro autista, as implicações, a legislação e a importância da inclusão para a vida desses sujeitos. Para que haja a inclusão escolar é importante o envolvimento da escola com a comunidade e responsáveis para que possam garantir o acesso e a permanência da criança autista na escola. Adaptações no currículo também são necessárias. Nesta perspectiva serão apresentados além de uma breve descrição do autismo, a compreensão sobre a diversidade humana e o quanto ela é importante para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A pesquisa de cunho bibliográfico foi realizada com base em Gauderer (1997), Silva (2012), Orrú (2012), Vigotsky (1988), dentre outros e apresentada nos capítulos: I onde serão abordados a inclusão escolar e a inclusão do aluno autista, II dados sobre o autismo, e o 3ºas considerações finais.

Palavras-chave: Autismo. Inclusão. Educadores. Práticas

1. Introdução

Meu nome é Ana Lídia Alves da Cunha, tenho 27 anos, moro em uma cidade no sul de Minas Gerais, considerada a cidade mais alta do Sul de Minas, trabalho em uma creche há 7 anos, e foi incrível como me apaixonei pela profissão que exerço hoje que é a de monitora auxiliar. O tema escolhido tem me chamado muito atenção, pois tenho um caso de criança com TEA em minha família, e o mesmo possui muita dificuldade de aprendizagem, já tendo deixado até mesmo de frequentar a escola.

¹Graduanda do Curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras – UFLA, e-mail: ana.cunha@pedagogia.ufla.br

²Professora Núcleo de Educação da Infância/NEDI, Pedagogia a Distância, Universidade Federal de Lavras/UFLA, e-mail: pryscilladuarte@ufla.br.

Este artigo tem como o intuito proporcionar uma reflexão e buscar mais conhecimentos sobre a “Educação inclusiva do aluno com necessidades especiais” tendo como foco as pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) mais conhecido como *autismo*.

De acordo com Marinho e Merkle (2009) desde a década de 1940 quando o autismo foi identificado pelos psiquiatras austríacos, que trabalhavam separadamente: Leo Kanner e Hans Asperger, pesquisadores tentam entender os fatores que levam a essas desordens e buscam por possíveis respostas. Até o momento não há uma definitiva de qual seria a causa específica do autismo, sabe-se que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser percebido nos primeiros meses de idade e ser classificado em três fases: Grave, Moderado Clássico ou Leve. Assim como cada autista é único(a), as causas que levam a esse transtorno neurológico também são únicas, podendo uma ou várias associações.

De acordo com a ‘Revista Autismo’ publicada em 01/03/2019, a OMS (Organização Mundial da Saúde), estima-se que, em todo o mundo, uma em cada 160 crianças possuem autismo. Essa estimativa representa um valor “médio” e a prevalência relatada varia substancialmente entre estudos. Atualmente, não existem dados oficiais sobre as pessoas com transtorno do espectro autista (TEA) no Brasil e reconhecendo a importância do tema, sancionaram a Lei 13.861/2019 que inclui dados específicos sobre o mesmo no censo do IBGE.

Com base nos dados acima, define-se como objetivo geral: pesquisar a educação inclusiva do aluno com necessidades especiais ‘autismo’, e objetivos específicos: conhecer possíveis causas, características, direitos e inclusão das pessoas diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Para realização deste artigo tomaremos como referencial teórico a obra de Vygotsky, a perspectiva Vygotskyana é de suma importância, pois aborda as interações sociais como ‘meios’ que permitem os processos de socialização indelével e apropriação de cultura, compreendendo assim os principais pontos para se realizar a inclusão. Com base nos objetivos descritos a metodologia utilizada será feita por livros, pesquisas bibliográficas, websites e artigos científicos que abordam o assunto.

Assim, o trabalho foi estruturado da seguinte maneira: No primeiro capítulo será abordado a inclusão escolar e a inclusão do aluno autista. No segundo, dados sobre o autismo, tais como sua história, compreensão sobre este transtorno, a legislação educacional e na educação inclusiva. E por fim serão apresentadas as considerações finais da pesquisa, e concluído os

principais pontos sobre o autismo e prescritos os melhores métodos pesquisados para que o aluno com autismo receba um ensino de qualidade.

2. INCLUSÃO NO BRASIL NOS DIAS ATUAIS

A inclusão está caminhando devagar no Brasil, apesar da lei que está localizada no artigo 205 da Constituição Federal 1988 garantir que todos os alunos devem ter acesso ao ensino fundamental, e receberem atendimento especializado em sala de aula, muitas redes de ensino não a cumpre. A barreira para a educação inclusiva é a forma que algumas pessoas tem de pensar que é melhor excluir crianças com algum tipo de deficiência mantendo-as em escolas especiais.

Ao analisar toda a história percebemos o quanto avançamos, já que por mais que a lei não seja totalmente cumprida todos os alunos possuem o direito de frequentar uma escola regular, independentemente de sua limitação. Segundo informações no site do MEC (Ministério da Educação) são fiscalizadas grande parte das escolas, onde diretores, supervisores, entre outros, são orientados sobre a importância da inclusão.

Um movimento considerado de resistência sobre o tema é a falta de informação ou até mesmo omissão de pais, educadores, pois milhares de crianças ainda vivem escondidas em casa, recebem ensino no próprio domicílio, outras nem se quer tem a oportunidade de aprenderem o básico, também existem os casos que o aluno frequenta uma instituição especializada e não possui contato com outras pessoas.

A importância destes alunos estarem em uma escola regular é que lá eles poderão encontrar pessoas com conhecimentos, culturas, experiências diferentes e. Por isso, quem vive a inclusão sabe que está participando de algo revolucionário e irreversível no Brasil (INEP, 2005).

A Legislação é um dos fatores mais importantes para se dar o primeiro passo para a inclusão dos alunos com autismo no ensino regular, através da pressão de uma lei, as pessoas são coagidas a saírem da inércia, do comodismo, não só na educação, mas na sociedade, buscando novas alternativas para resolver os problemas referentes ao ensino para todos.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 10 de dezembro de 1948 – Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas – ONU, em seu art. I, traz a seguinte redação: “Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”.

Em 1990, a Conferência Mundial de Educação Para Todos em Jointien na Tailândia, realizada pela ONU para a Educação, Ciências e Cultura – UNESCO, fundo das Nações Unidas para a infância – UNICEF, ONU para o Desenvolvimento – PNUD e Banco Mundial, resultou na Declaração de Educação Para Todos, visando estabelecer ações concretas para modificar a situação do analfabetismo nas diversas partes do mundo. Mesmo sem citar o termo Educação Inclusiva, esta declaração é um marco referencial para a abordagem inclusiva, já que é destacado o direito de Educação de Qualidade para todos sem qualquer discriminação.

Em 1994 foi proclamada a Declaração de Salamanca que segundo Sasaki (1997), traz a seguinte exposição:

A educação integrada e a reabilitação apoiada pela comunidade representam dois métodos complementares de ministrar o ensino à pessoas com necessidades especiais. Ambas se baseiam no princípio de integração e participação e representam modelos bem comprovados e muito eficazes em termos de custo para fomentar a igualdade de acesso das pessoas com necessidades educativas especiais, que faz parte de uma estratégia nacional, cujo objetivo conseguir a educação para todos. Essa declaração reafirma o direito à educação para todas as pessoas, independentemente de suas diferenças individuais. Menciona os conceitos de “inclusão”, “educação inclusiva”, “classes inclusivas”, “escolas inclusivas”, “princípios da inclusão”, “escolaridade inclusiva”, “provisão inclusiva às necessidades educacionais especiais”, “inclusão na educação e no emprego” e também “sociedade inclusiva” (Sasaki, 1997).

Acredita-se que para combater a discriminação, criar comunidades e cidadãos mais acolhedores e oferecer um ensino de qualidade para todos é necessário que as escolas sigam as orientações sobre a inclusão.

As escolas com propostas inclusivas devem reconhecer e responder às diversas dificuldades de seus alunos, acomodando os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade para todos mediante currículos apropriados, modificações organizações, estratégias de ensino, recursos e parcerias com as comunidades. A inclusão exige da escola novos posicionamentos que implicam num esforço de atualização e reestruturação das condições atuais, para que o ensino se modernize e para que os professores se aperfeiçoem, adequando as ações pedagógicas à diversidade dos aprendizes (VELTRONE; MENDES, 2007, p. 2).

Inclusão é a capacidade de compreender e reconhecer a diferença do outro, e então ter privilégio de conviver e adquirir novos conhecimentos com pessoas diferentes de nós. A Educação Inclusiva acolhe todos os indivíduos, sem exceção.

Como diz a professora de educação especial: Maria Teresa Mantoan “Estar junto é se aglomerar com pessoas que não conhecemos. Inclusão é estar e interagir com o outro”. É a busca de uma sociedade justa que dê oportunidades para todos sem qualquer tipo de discriminação, e essas atitudes começam na escola.

A inclusão possibilita aos que são discriminados pela deficiência, pela classe social ou pela cor que, por direito, ocupem o seu espaço na sociedade. Nós não podemos ter um lugar no mundo sem considerar o do outro, valorizando o que ele é e o que ele pode ser.

O maior ganho para nós professores, está em garantir a todos o direito à educação sendo regente de classe e não necessariamente especialista em deficiência, ou devemos encontrar soluções para proporcionar um ensino de qualidade e uma sala de aula inclusiva, mas não somos os responsáveis por diagnósticos, avaliação de características, entre outros.

Na escola inclusiva, os alunos aprendem a conviver com a diferença e se tornam cidadãos solidários e para que isso se torne realidade em cada sala de aula, a participação do professor é essencial.

Os especialistas em inclusão afirmam que a escola organizada como está, produz a exclusão. Os conteúdos curriculares são tantos que tornam alunos, professores e pais reféns de um programa que pouco abre espaço para o talento das crianças. Assim, quem não acompanha o conteúdo está fadado à exclusão e ao fracasso. “Isso ocorre não só com crianças com deficiência. A escola trabalha com um padrão de aluno e quem não se encaixa nele fica de fora”, afirma a educadora Maria Tereza Eglér Mantoan, coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade da Universidade Estadual de Campinas (Revista Escola, maio 2005).

Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva é como uma meta para garantir que a escola acomode alunos com deficiência e alunos com deficiência global em Desenvolvimento e altas habilidades / talentos orientam o sistema educacional, que trás garantia: acesso à educação formal, participação, aprendizado e continuidade no Nível de ensino superior; horizontalidade do modelo de educação da educação infantil ao ensino superior; prestação de serviços educacionais qualificado; treinamento de professores e serviços de educação profissional da inclusão de outros profissionais da educação, participação da família e da comunidade; acessibilidade de edifícios, transporte, móveis, comunicação e informação e articulação intersetorial na implementação de políticas públicas.

2.1 A INCLUSÃO DO ALUNO QUE POSSUI TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO AMBIENTE ESCOLAR.

A inclusão é um dos pontos mais discutidos na área da educação sendo considerado um dos mais importantes, é a capacidade que adquirimos em entender, reconhecer e conviver com o outro, sabendo que todos somos diferentes. A Educação Inclusiva acolhe todos independentemente de sua limitação, ela é destinada a pessoas que possuem desde deficiências físicas e mentais até transtornos que não são aparentemente vistos, como o TEA.

O processo de inclusão é essencial no mundo da educação, já que é na escola que moldamos uma sociedade mais justa e que proporcione oportunidades para todos, ajudando-os a superar os desafios, a inclusão em sala de aula permite que as pequenas crianças cresçam com o pensamento que não existe classe social, cor, religião ou deficiência que torne as pessoas consideradas "diferentes" menos que as vistas como "normais", e que nenhum de nós somos iguais.

A inclusão permite que as pessoas que são discriminadas pela sua deficiência ocupem efetivamente seu lugar na sociedade, é durante este processo que conseguimos garantir todos os direitos a educação, é o momento em que os alunos aprendem a conviver com as diferenças.

Segundo Ropoli:

A inclusão escolar impõe uma escola em que todos os alunos estão inseridos sem quaisquer condições pelas quais possam ser limitados em seu direito de participar ativamente do processo escolar, segundo suas capacidades, e sem que nenhuma delas possa ser motivo para uma diferenciação que os exclua das suas turmas. (ROPOLI, 2010, p.8)

Vale ressaltar que inclusão escolar não quer dizer somente que o aluno deve frequentar a escola, mas sim que ele conviva com seus colegas, interaja e que a sala de aula por sua vez juntamente com todos profissionais da escola se adequem as necessidades físicas e especiais do aluno, garantindo a ele um ensino de qualidade e atividades que possam ser desenvolvidas juntamente com todos.

Para haver inclusão é necessário que haja aprendizagem, e isso traz a necessidade de rever os nossos conceitos sobre currículo. Este não pode se resumir às experiências acadêmicas, mas se ampliar para todas as experiências que favoreçam o desenvolvimento dos alunos normais ou especiais. Sendo

assim, as atividades de vida diária podem se constituir em currículo e em alguns casos, talvez sejam “os conteúdos” que serão ensinados (ROPOLI, 2010, p.90).

Para se realizar um processo de inclusão satisfatória é ideal que pais, responsáveis, colegas e professores estejam unidos para conseguirem incluir o aluno no convívio escolar, os professores devem sempre estar observando as necessidades de cada aluno e elaborando meios de intervenção para lhe oferecer o suporte adequado, transmitindo segurança para que o mesmo possa desenvolver e acreditar em suas capacidades.

Não é possível prever e moldar o futuro do aluno autista, onde poderíamos dar a chance que é necessária para a aprendizagem e para que eles sejam capazes de conviver com a sua própria limitação. O aluno autista pode ser tão bom quanto os alunos considerados “normais”, e isto cabe exclusivamente a escola e aos docentes que saber respeitar o limite de cada um, identificar seus talentos, assim também como o seu tempo, seu ritmo e sua capacidade.

A aprendizagem pode se tornar mais fácil quando são utilizados métodos adequados para a estimulação das diferentes inteligências tendo em consideração que cada aluno é bom em algo, basta ao educador saber estimular a inteligência de cada um, isso com certeza diminui os casos de dificuldades de aprendizagem.

Antunes (Ibidem, p.106) diz o seguinte:

“[...] ao mostrar que a inteligência é estimulável, desde que se usem esquemas de aprendizagem eficientes e que limitações genéticas possam ser superadas (a história das pernas tortas de Garrincha é eficiente exemplo) por formas diversificadas de educação e, sobretudo, ao destacar que os meios para essa estimulação não dependem de drogas específicas e, menos ainda, de sistemas escolares privilegiados, essa identificação pode fazer de qualquer criança uma pessoa integral e de qualquer escola um centro notável de múltiplas estimulações.

Lidamos com diversos graus de autismo e eles devem ser levados em considerações de acordo com a capacidade de cada aluno, é desta maneira que facilitamos o ensino aprendizagem, sabemos que diante de alguns haverá limitações em diversas áreas como a comunicação, a assimilação, e outras dificuldades que o autismo acarreta.

Seria essencial que todo educador recebesse uma capacitação e adquirisse novos conhecimentos sobre a inclusão, pois é dever dele oferecer o mesmo conteúdo de maneira diferenciada para alunos com os mais diferentes tipos de transtornos, inclusive o do autismo que precisa de uma metodologia fundamentada a partir do desenvolvimento da linguagem.

Existem estratégias que ajudam no processo de inclusão do aluno autista no ambiente escolar, e mais uma vez destacamos a importância da família, amigos, e profissionais da educação estarem unidos e envolvidos nesta fase, é essencial que todas as pessoas tratem a criança com autismo com a maior normalidade possível, procure sempre entendê-los mesmo no momento que eles fazem coisas inesperáveis, e que recebam todo o tratamento necessário, suporte e atendimento.

É necessário compreender que por mais que o conteúdo seja o mesmo ele atravessa caminhos completamente diferentes para ser aprendido por cada criança, por este motivo devemos sempre estar preparados buscando os melhores métodos para que proporcione um ensino-aprendizagem de qualidade e de maneira facilitada e sempre estar apto para oferecer novas possibilidades e assim desenvolver competências.

Para se ter um bom resultado no processo de inclusão é fundamental que ele se inicie juntamente com a vida escolar da criança, na educação infantil e que seja um trabalho com crianças de idades iguais, que os profissionais envolvidos sejam altamente capacitados e que lecionem sem dúvidas, não é somente o aluno que possui autismo que deve ser aceito, também devemos conquistar sua confiança para que assim ele possa aceitar seu professor e sua turma.

A família presente na escola é uma excelente estratégia, a sala de aula deve ser organizada da mesma maneira todos os dias, ao conversar com o aluno é fundamental olhar em seus olhos, ficar o mais próximo possível, manter a rotina da sala de aula e do ambiente escolar, vale também ajudar a criança construir novas amizades. Repetir várias vezes o mesmo conteúdo é importante, pois assim o aluno conseguirá acompanhar o que está sendo transmitido e adquirir novos conhecimentos, também são importantes elogios frequentes e regras estabelecidas.

Uma coisa que muitos educadores fazem errado é diferenciar as obrigações dos alunos que possuem autismo e dos que não, esta diferenciação não deve existir, todos alunos devem cumprir as regras, terem o mesmo direito e as mesmas obrigações, não devemos somente trabalhar com a inclusão em sala de aula, mas em todo o ambiente escolar preparando todos os profissionais para contribuírem no processo de inclusão.

VIGOTSKY (1999) diz: “não há como aprender e apreender o mundo se não tivermos o outro, aquele que nos fornece os significados que permitem pensar o mundo a nossa volta”. E afirma ainda que “O desenvolvimento é um processo que se dar de fora para dentro”. Compete ao professor ter clareza dos objetivos de ensino, conhecer e valorizar os conhecimentos prévios

do aluno, para melhor organizar suas práticas pedagógicas, criando estratégias para que os conteúdos sejam sistematizados no decorrer do processo ensino- aprendizagem.

3 O AUTISMO

Antigamente mais precisamente antes dos anos de 1911, pessoas que possuem o espectro autista eram conhecidas pelo nome de esquizofrênicos, e eram destinados há viverem em total isolamento social, desde que começavam apresentar os sintomas seus pais ou responsáveis já os isolavam totalmente, impedindo-os de terem contato com a sociedade.

O termo "Autismo" foi usado pela primeira vez no ano de 1911, por um psiquiatra chamado Eugen Brawler, de origem austríaca, a palavra autismo vem do grego e significa " Voltar-se para si mesmo", Eugen escolheu esta palavra após realizar observações com as pessoas que eram chamadas de "esquizofrênicas", após o primeiro passo do psiquiatra outros pesquisadores e estudiosos levantaram novas pesquisas e identificaram que também existiam crianças que apresentavam os sintomas e desde o início viviam em isolamento, algumas se auto isolavam já que não gostavam de ter ou manter o contato com outras, mudavam de humor repentinamente e era visível a diferença entre eles de outras crianças.

Mas é somente em 1943, que o psiquiatra infantil austríaco Leon Kanner, em meio às suas pesquisas de observação, relacionou essas características das crianças autistas ao comportamento e cuidados que as mães das mesmas lhes dedicavam, e criou o conceito da “mãe geladeira”, referindo ao conceito dessas mães serem frias e pouco afetivas com suas crianças. Mais tarde, o autor veio a público para retratar-se de tal conceito, tendo em vista que o mesmo gerou muita controvérsia e sofrimento para as famílias (SILVA et al, 2012, p. 112).

Um ano após a pesquisa de observação de Leon, um outro pesquisador austríaco chamado Hans Asperger também observou e realizou uma avaliação sobre comportamento e habilidades, foram observadas 400 crianças e escrito as características de cada uma delas, o pesquisador notou que elas possuem falta de empatia, não gostam de manter contato com outras pessoas, possuem uma grande dificuldade em fazer amizade, não gostam de inovações e possuem uma coordenação motora reduzida, essas observações deram origem ao termo "Síndrome de Asperger".

Ao conhecer e acompanhar a história do autismo podemos perceber que ano após ano ele deixou de ser considerado esquizofrenia e passou a ter um reconhecimento totalmente diferenciado, apesar dos estudos e pesquisas terem iniciado em 1911 foi somente na década de

80, que o autismo e os estudos científicos tiveram destaque e passaram a construir bases sólidas em relação ao tema.

Foi conseguido então realizar a distinção entre esquizofrenia e o quadro de autismo, segundo Orrú:

Até 1989, dizia-se, estatisticamente, que a síndrome acometia crianças com idade a cada dez mil nascidas. Manifestava-se, majoritariamente, em indivíduos do sexo masculino, sendo a cada quatro casos confirmados três do sexo masculino e um caso para o feminino (ORRÚ, 2012, p.23).

As pesquisas sobre este transtorno foram evoluindo cada vez mais, tantos profissionais da saúde, como pesquisadores e professores passaram a procurar um aperfeiçoamento sobre o tema, foi quando surgiu os manuais CID 10 E DSM II, que após um tempo passou a ser DSM IV. No ano de 2013, houve uma mudança na quinta edição do DSM-V, sobre os critérios de diagnósticos do autismo.

Transtornos Mentais – DSM-V foi publicada, incluindo mudanças expressivas nos critérios diagnósticos de autismo e adotando, finalmente, o termo TEA como categoria diagnóstica (MEMNON, 2014, p. 8-10).

Após muito estudo e pesquisa a sociedade passou a compreender melhor o autismo e ao longo das décadas todos tem lutado por uma inclusão e sobre um reconhecimento que o autismo é um transtorno.

A ONU decretou no dia 02 de abril de 2007, o dia Mundial da Conscientização do Autismo, e esta data é celebrada em diversos lugares do mundo e pontos turísticos que são enfeitados pela cor azul (cor definida para representar o autismo). Esta atitude foi essencial para fortalecer, integrar e incluir pessoas autistas.

O Brasil conta com uma associação chamada Associação de Amigos do Autista_ AMA, que foi fundada no ano de 1983 na cidade de São Paulo, a fundação desta associação foi feita por pais que possuem filhos com autismo, e tem como principal objetivo ajudar pessoas e familiares que precisam de apoio sobre o Autismo.

A Lei 12.764 / 2012 foi acrescentada à LBI (Lei Brasileira de Inclusão - nº 13.146 / 2015) e à Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência. Ambos os textos garantem uma série de práticas que visam inserir as pessoas com deficiência nos espaços sociais de forma justa e igualitária.

Esta lei define-se como:

- Para fins legais, o autismo é considerado uma deficiência.
- Autorize órgãos públicos e privados a usar os símbolos do quebra-cabeça para identificar os cuidados prioritários.
- Recomenda que diferentes órgãos públicos trabalhem juntos para formular políticas públicas para o autismo.
- A comunidade deve verificar a aplicação dessas políticas.
- Essas políticas devem dar atenção total ao diagnóstico precoce, ao atendimento dos diversos profissionais e à disponibilidade de medicamentos.
- Deve haver medidas de estímulo para entrar no mercado de trabalho.
- O governo é obrigado a ser responsável pela divulgação de informações sobre o autismo.
- Ele disse que os profissionais e a pesquisa científica devem ser incentivados a formar profissionais com transtornos do espectro do autismo.
- Garante o direito ao diagnóstico precoce, à educação básica e profissional e à seguridade social.
- Se você estudar em uma escola regular, terá direito a um professor acompanhante dedicado

De acordo com Vigotsky (1988), o desenvolvimento e a aprendizagem estão diretamente relacionados, desde a fase inicial da vida de qualquer criança. O meio social é de grande influência para esses processos. É por intermédio das relações estabelecidas com objetos e pessoas que as crianças constroem redes de conhecimento advindas do aparato cultural a que têm acesso (conceitos, valores, crenças, visão de mundo) e carregam consigo essa bagagem cultural, que é acessada ao chegarem na escola.

É possível perceber que a criança possui autismo, com poucos meses de vida começam a apresentar sinais, no geral eles possuem dificuldades em interagir e conviver com outras pessoas, não conseguem expressar suas emoções nem fazer amigos como é o comum de toda criança, eles também possuem dificuldades ao se comunicar são repetitivos quando se comunicam e muitas vezes deixam de dialogar no meio da conversa.

Mello (2007, p. 16) descreve o autismo como:

Um distúrbio do desenvolvimento que se caracteriza por alterações presentes desde idade muito precoce, tipicamente antes dos três anos de idade, com impacto múltiplo e variável em áreas nobres do desenvolvimento humano como as áreas de comunicação, interação social, aprendizado e capacidade de adaptação.

Crianças autistas também possuem alterações em relação ao seu comportamento, são totalmente apegados a rotina, fazem as mesmas coisas o dia todo, e se caso se interessarem por um objeto ficam focados somente nele, é possível ver relatos de crianças que possuem autismo e são fascinados por um único alimento, ou uma única coberta mantendo um apego sem igual.

Segundo Bosa (2002):

São chamadas Autistas as crianças que tem inadaptação para estabelecer relações normais com o outro, um atraso na aquisição da linguagem, e, quando ela se desenvolve, uma incapacitação de lhe dar um valor de comunicação. Essas crianças apresentam igualmente estereótipos gestuais, uma necessidade de manter imutável seu ambiente material, ainda que deem provas de uma memória frequentemente notável. Constatando como este quadro, elas têm, a julgar por seu aspecto exterior, um rosto inteligente e uma aparência física normal.

Como foi dito anteriormente é possível perceber os sintomas do Espectro Autista quando a criança ainda é um bebê, desde os primeiros meses de vida até os dois anos, mas também pode acontecer destes sintomas serem detectados mais tarde quando se nota os atrasos de desenvolvimento.

Uma das grandes contribuições de estudos realizados atualmente é chamar a atenção para o fato de que a identificação precoce dos sintomas – como a ausência de sorriso responsivo, de mínimo contato visual, de reações afetivas, de imitação e de postura antecipatória – serve de alerta inicial para o diagnóstico de TEA (ROTTA et al., 2016)

Uma das características que a criança autista possui é a partir de 1 ano demonstrar mais apego a objetos do que nas pessoas, quando são chamadas elas não olham, não gostam nem se interessam em conviver com outras pessoas. Mas é somente por volta de um ano e seis meses que é possível fazer uma avaliação precisa, ressaltando que esta avaliação é realizada com profissionais especializados como um neuropediatra ou um psiquiatra pediátrico, o diagnóstico é realizado através de observações diretas sobre o comportamento da criança e sobre as respostas de determinadas perguntas que são respondidas pelos pais ou responsáveis.

Normalmente os casos de suspeitas dos pais são verídicos, os especialistas usam as principais características para confirmarem o autismo entre elas estão: Deficiências sociais,

quando a criança não consegue conviver em sociedade, dificuldades de comunicação, normalmente estas crianças tem mais dificuldade na linguagem e em se comunicarem possuem interesses restritos e comportamentos repetitivos.

Volkmar e Wiesner (2019) relatam que, na maioria dos casos, os pais começam a ficar preocupados quando o filho não desenvolve palavras, não responde a sons ou parece socialmente desconectado.

As crianças com TEA apresentam uma desorganização no processamento das informações provenientes do meio, desde o nascimento, e isso irá prejudicar todo seu processo de desenvolvimento, impedindo a emissão de respostas adequadas aos estímulos que as atingem, ao longo de seu crescimento. Geralmente, essas crianças irão reagir de forma diferente das demais em situações que envolvam movimentos como jogar bola e pular corda. Também poderão apresentar dificuldades em tarefas cotidianas, como se vestir ou se alimentar.

Essas atividades, no desenvolvimento das crianças “ditas normais”, acontecem naturalmente, sem restrições, porém, nas crianças com autismo, haverá esse tipo de limitações devido ao processamento inadequado das informações sensoriais.

Crianças que possuem autismo podem também apresentar uma sensibilidade totalmente diferente das outras em relação aos estímulos sonoros, visuais e de audição. É comum elas ficarem desesperadas e colocarem as mãos nos ouvidos quando ouvem alguns ruídos ou até mesmo várias pessoas conversando, elas também podem explorar novas situações com objetos ou novas interações pessoas cheirando ou lambendo as pessoas ao seu redor, já em relação ao tato algumas delas não conseguem tolerar texturas de roupa, quando se machucam demonstram sentir menos dor que outras crianças, existem também pessoas com este transtorno que escolhem seus alimentos pela consistência ou cor.

Porém existem ainda outros fatores de sinais e sintomas que faz do TEA uma síndrome, que de acordo com Teles são eles:

- Dificuldade com contato visual;
- Dificuldade em imitar caretas e expressões faciais;
- Parecem surdos, alguns apresentam a surdez;
- Não atendem quando são chamados pelo nome;
- Não respondem sorrisos;
- Não se sentem a vontade com abraços, beijos e toques,
- Não balbuciam, apresentam ecolalia;
- Não apontam para chamar atenção das pessoas;
- Mostram reações de agressividades parecendo birras quando sua rotina sofre alterações;
- Apresentam dificuldades de compreender metáforas e ironias (linguagem concreta)
- Não mudam o

comportamento na presença de outra pessoa; · Não fazem brincadeiras de faz de conta; · Batem palmas, balançam o tronco como pêndulo; · Substituí o pronome eu por ele; · Não fazem amigos; · Brincam de forma diferente com objetos, seus interesses são apenas por parte do objeto ficando horas observando os movimentos circulares (hélice de ventilador, roda de carro), empilham brinquedos, alinham carrinhos e organizam por cores; · Parecem resistentes a dor; · Algumas crianças podem ter: visão, audição, tato, olfato, ou paladar excessivamente sensível (aumentado ou diminuído) · Mostra falta de empatia; · Não se assusta com sons altos; · Necessidades intensa de repetição; · Perda de habilidades sociais e de comunicação em qualquer idade; · Não pronunciam frases compostas de pelo menos duas palavras aos 24 meses; · Não balbuciam aos 12 meses; · Não gesticulam aos 12 meses; (TELES, 2006)

Em relação ao comportamento eles são totalmente repetitivos, também apresentam uma habilidade inferior no controle muscular, é comum deparar com uma criança que fica horas alinhando seus brinquedos, e caso não saia como eles querem demonstram estar revoltados, qualquer mudança em sua rotina como mudar o horário de realizar a refeição, de tomar banho, ir nos locais que estão acostumados causam muita frustração, e possuem dificuldades em brincar de faz de conta e inventar histórias.

É importante destacarmos que o autismo pode ser apresentado em diferentes graus e seus sintomas e sinais podem ter variações, quando considerado leve ele demora mais tempo para ser diagnosticado, uma vez que pode ser confundido com demais comportamentos como falta de atenção por exemplo.

Segundo a DSM V:

Pessoas afetadas pelo TEA podem apresentar sintomas associados em diferentes graus, como uma habilidade cognitiva fora do normal (para mais ou para menos), atrasos de linguagem ou alta habilidade de linguagem expressiva, surtos nervosos e agressividade, padrões de início, além de outras condições associadas. (PEMED)

A identificação do autismo é essencial para que a criança possa receber um tratamento adequado de acordo com as particularidades do seu quadro, pois um acompanhamento médico melhora a qualidade de vida tanto da criança quanto da sua família. Ao contrário do que muitos possam imaginar a descoberta do Transtorno do Espectro Autista não é realizada por exames laboratoriais, já que não existe uma imagem que comprove a presença do transtorno, somente

uma avaliação e entrevista com pais usando as escalas que poderão proporcionar um diagnóstico preciso.

O aluno com autismo não é incapaz de aprender, mas possui uma forma peculiar de responder aos estímulos, culminando por trazer-lhe um comportamento diferenciado, que pode ser responsável tanto por grandes angústias como por grandes descobertas, dependendo da ajuda que ele receber (CUNHA, 2014, p. 68).

Até o momento o autismo não tem cura comprovada, mas nos últimos anos diversas pesquisas mostram que as crianças que possuem autismo respondem muito bem as intervenções precoces e intensivas (antes dos 5 anos).

Compreender o autismo é abrir caminhos para o entendimento do nosso desenvolvimento. Estudar autismo é ter nas mãos um “laboratório natural” de onde se vislumbra o impacto da privação das relações recíprocas desde cedo na vida. Conviver com o autismo é abdicar de uma só forma de ver o mundo - aquela que nos foi oportunizada desde a infância. É pensar de formas múltiplas e alternativas sem, contudo perder o compromisso com a ciência (e a consciência!) – com a ética. É percorrer caminhos nem sempre equipados com um mapa nas mãos, é falar e ouvir uma linguagem, é criar oportunidades de troca e espaço para o nosso saber e ignorância [...] (BOSA, 2002, p. 13).

Compreender o processo de aprendizagem e desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um desafio, os prejuízos causados por este transtorno referem-se às interações sociais, comunicação e padrão de comportamento restrito, trazendo dificuldades para atraí-las para um mundo que é extremamente simbólico e carregado de significações que só têm sentido quando vivenciado coletivamente. Dessa forma, o maior desafio está em buscar estratégias e alternativas que se interponham a essas limitações e promovam o desenvolvimento desses indivíduos.

Existem diversas teorias, pesquisas que falam sobre a inclusão do aluno com autismo em sala de aula, mas todas precisam de adaptações pois como já citados os sintomas causados pelo TEA são distintos, o contato diário e observação são essenciais para garantir a este aluno um ensino digno e de qualidade.

Muitas vezes o autismo pode passar despercebido, as dificuldades serem consideradas um mau comportamento, falta de vontade de aprender, em muitos casos o aluno é totalmente desconcentrado e um mosquito passando na sua frente já é motivo de deixar de prestar atenção na explicação, após os dados coletados foi possível notar que entre as diversas orientações e

dicas para o professor é deixá-los na primeira carteira e dar toda a atenção possível, conversar olhando em seus olhos, não julgar apenas compreender.

O afeto é o combustível principal quando se leciona para crianças autistas e se trabalha com a inclusão em sala de aula, ele o é início do sucesso neste processo, o contato da pessoa com que a criança tem mais confiança ajuda nesse processo, comumente são as mães quando elas se fazem presente no contexto escolar o aluno adquire novas conquistas, como experimentar algo diferente, diminuindo os sintomas significativamente e até mesmo conseguem se identificar com algum coleguinha se tornando seu amigo.

O problema quanto a inclusão não é os colegas os aceitarem e sim eles se adaptarem em um ambiente totalmente novo, o autismo além de alteração de comportamento pode se manifestar nos mais diferentes sintomas em cada pessoa. Cada educador vê o tratamento do autismo de uma forma, alguns conseguem resultados imediatos, outros não, por isso o aprendizado e aprofundamento sobre o tema é tão importante.

Sabemos que para os pais não é nada fácil descobrir que seu filho tem TEA, e perceber que terá que ser feito todo um planejamento relacionado a ele, e isso para muitos é uma tarefa bem difícil de aceitar. Pois quando recebem o diagnóstico comprovando que seu filho tem TEA, transformam suas vidas radicalmente, e na grande maioria precisam de um auxílio mais profissional para superar as barreiras

De acordo com Silva et al (2012), algumas sugestões devem ser seguidas pelos pais e familiares, principalmente a interação, o cuidado, e a rotina da criança com TEA, como por exemplo o zelo, paciência, fiscalização, criatividade, persistência, disciplina, entre outros. Pois para esses autores são pequenas atividades que mudaram o desenvolvimento da criança.

Além do mais se destaca também que é necessário a presença de um profissional especialista para auxiliar os pais, onde deve ter um levantamento sobre os comportamentos e o desenvolvimento da criança, onde pode assim a criança começar a desenvolver sua própria independência.

Outro fator importante para o desenvolvimento da criança com TEA é que a mesma precisa entender e aprender a ler o mundo a sua volta, mesmo que sofram um “conjunto de sintomas, com alteração em três áreas específicas: a socialização, a linguagem/ comunicação e o comportamento”, (SILVA et al, 2012, p.60).

As famílias de crianças com TEA enfrentam muitos desafios, e sobre isso Silva et al (2012) cita dicas de como os pais devem proceder caso ocorra birras, teimosias, neste processo onde orienta que nem sempre é bom punir as crianças nestes casos, mas valorizar as ações que são realizadas pelas crianças, a fim delas compreenderem algo bom desta situação.

Desta maneira, não devem salientar as ações negativas, mas sim pensar por um outro lado e agir com as ações positivas para que sejam estimuladas e destacadas, assim as crianças irão repeti-las. Mas é sempre bom lembrar que cada caso é único, o que pode funcionar para uma, para outra pode não surtir o mesmo efeito, por este motivo um acompanhamento profissional é essencial.

É sempre bom e importante que os pais busquem informações, e sempre tenham todo o conhecimento sobre o que é o transtorno do espectro autista e o dia a dia com as crianças, seja na sua rotina doméstica, esportiva, escolar, entre outras, para que juntos possam vivenciar experiências sociais e familiares.

O aluno autista não é doente como muitos pensam, ele apenas possui limitações e comportamentos diferentes, a paciência é o combustível para o sucesso tanto na aprendizagem quanto na vida dessas crianças, por não conseguirem parar quieto, possuir afinidades apenas com determinados objetos como citado anteriormente muitos educadores e pais acham mais fácil que eles convivam apenas com aquilo que lhe chama atenção, e está é mais uma das várias atitudes erradas, devemos sempre procurar meios para que ele passe a gostar e experimentar novas sensações.

Sobre a experiência que adquiri com meu primo e relatos na creche em que leciono pude observar que mesmo cada caso de autismo possui uma particularidade, característica, todos aprendem e convivem melhor quando são cercados de carinho, apoio e compreensão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Esta pesquisa permitiu concluir a necessidade de uma reflexão sobre a inclusão, e o quanto seria essencial que as pessoas soubessem ao menos um pouco sobre o autismo.

Foi possível no decorrer da mesma adquirir um conhecimento amplo sobre o transtorno do espectro autista, e a realidade que cada educador enfrenta no processo de inclusão, sempre existiram e sempre vão existir pessoas que possuem necessidades educacionais especiais, e todo educador deve estar apto para oferecer a elas oportunidades e um ensino de qualidade.

Atualmente todos os lugares do mundo vem se estruturando e garantindo um local mais inclusivo para todos aqueles que necessitam de atendimento educacional especial como os alunos autistas, destaca-se mais uma vez que este atendimento especial não significa necessariamente que o aluno tenha uma sala de aula só pra ele pois o convívio com outros indivíduos é fundamental.

São necessários conhecimentos a respeito de todos os tipos de deficiência, para se trabalhar de forma eficiente em cada caso, e se isso não ocorrer, o educador terá dificuldades intrinsecas para atingir os objetivos de inclusão.

Por outro lado, trata-se de um processo de conscientização, não apenas dos professores, mas também de familiares e da sociedade como um todo. Para que saibam que o portador de qualquer tipo de necessidade especial, tem os mesmos direitos de educação, como qualquer outra pessoa.

Ressalta-se que apesar de todos desafios vivenciados os educadores que trabalham com inclusão atingem resultados incríveis e promove alterações e aprendizados significante para o aluno com autismo, garantindo a interação social quanto aos outros alunos que acabam descobrindo um mundo totalmente novo.

Durante a pesquisa foi possível notar que muitos responsáveis culpam uns aos outros pela dificuldade da criança, o que agrava o quadro quando a criança presencia as discussões, alguns culpam até mesmo a escola sendo que nesses casos não existe um culpado, nem o aluno, nem os pais muito menos os professores possuem uma parcela de culpa, já que cada criança possui seu ritmo de desenvolvimento e aprendizagem.

É comum deparar com uma sala de aula lotada com mais ou menos 40 alunos, onde cada criança possui seu ritmo, o que acaba tornando quase impossível um único profissional elaborar uma aula que todas as crianças aprendam da mesma forma, sempre existe um ou mais que sairão prejudicados por mais que o profissional domine com excelência sobre o assunto, e quando se nota que o aluno está sendo prejudicado a única saída é realizar as adaptações nas atividades para assim intervir na situação.

Através deste estudo foi possível compreender as principais causas do transtorno do espectro autista, as dificuldades no contexto escolar, e como eles são vistos por olhares de diferentes áreas, que existem diversos autores que os descrevem de maneiras diferentes, mas todos chegando a mesma conclusão que é necessário um processo de intervenção adequado.

Foi adquirida uma grande experiência tanto teórica como prática sobre o tema apresentado, onde se tem como objetivo esclarecer todas as dúvidas e orientar todos os profissionais da educação mostrando o quão essencial é uma capacitação pra cumprir seu papel com excelência, e mobilizar os responsáveis dos alunos orientando sobre atitudes para minimizar o problema, e se esforçar ao máximo para garantir ao mesmo o direito da educação e a superação de suas limitações mostrando que todo esforço vale a pena.

Sendo possível perceber que todo aluno tem capacidade de adquirir novos conhecimentos, embora uns levem mais tempo que os outros, e o fato de conseguir realizar tarefas simples, mas que para o aluno era extremamente difícil já é um grande avanço.

Finaliza-se esta pesquisa e espera-se que ela contribua de alguma forma para todas pessoas que possuem interesse em conhecer mais sobre o universo tão único das crianças autistas, que educadores possam se basear nos estudos apresentados e realizar intervenções que garantam um processo mais facilitado de aprendizagem à estas crianças e que a inclusão se faça mais presente não somente na escola, mas no dia a dia e na vida de cada um de nós

Que o mundo seja cada vez mais inclusivo e que todos possam ter oportunidades que vão além de frases bonitas, que tudo isso possa ser realizado na prática, e que tenhamos sempre empatia e que saibamos que crianças autistas possuem uma inteligência fora do normal e se encontrarmos um meio de explorá-las conseguiremos atingir excelentes resultados, que os pais percebam a importância de manterem um elo com a escola e contribuam e continuem os ensinamentos em casa pois assim garantimos ao aluno autista um ensino digno que é seu direito e os preparamos para um futuro promissor e brilhante.

Link para vídeo de apresentação disponível em
[:https://studio.youtube.com/video/iqRXVMFhg3E/edit](https://studio.youtube.com/video/iqRXVMFhg3E/edit)

REFERÊNCIAS

A CRIANÇA autista na escola regular. Brasil Escola. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-crianca-autista-na-escola-regular.htm>. Acesso em: 8 mai. 2021.

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In: BAPTISTA, Claudio; BOSA, Cleonice (org.). Autismo e educação: atuais desafios. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 22-39.

CARMEMLYDIADA SILVA TRUNCIDE MARCO MARINAELENA TRUNCIO LIVEIRA SPALATO VIVIANE ROSALIE DUARTE. Autismo e realidade. São Paulo, 2013.

DECLARAÇÃO DA SALAMANCA. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 8 mai. 2021.

FONTES, Maria Alice. Transtorno do Espectro Autista (TEA). Plenamente. Disponível em: <http://www.plenamente.com.br/artigo.php?FhIdArtigo=207>. Acesso em: 8 mai. 2021.

GORETTI Tenorio e Chloé Pinheiro . O que é autismo, das causas aos sinais e o tratamento Leia mais em: <https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/o-que-e-autismo-das-causas-aos-sinais-e-o-tratamento/>. Veja Saúde, 2018.

JUNIOR, Francisco Paiva. O que é autismo?. Revista Autismo. Disponível em: <https://www.revistaautismo.com.br/o-que-e-autismo/>. Acesso em: 8 mai. 2021.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. Autismo: guia prático. Colaboração: Marialice de Castro Vatauvuk. 7. ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007. Disponível em: <http://www.autismo.org.br/site/images/Downloads/7guia%20pratico.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2021.

ORRÚ, SILVA Ester. Autismo, Linguagem e Educação- interação social no cotidiano escolar. 3 ed.-Rio de Janeiro: Wak Ed., 2012.

RICHARDSON, R. J. Pesquisa social. São Paulo; Atlas Editora, 1999.

ROPOLI, Edilene Aparecida. A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva / Edilene Aparecida Ropoliet.al. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

VELTRONE, Aline Aparecida; MENDES, Enicéia Gonçalves. A formação docente na perspectiva da inclusão. In: IX Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores,

2007. Disponível em: <<http://www.unesp.br/prograd/ixcepfe/Arquivos%202007/5eixo.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2021.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores, f. 96. 1988. 191 p.

VOLKMAR, Fred R. ; WIESNER, Lisa A. Autismo : guia essencial para compreensão e tratamento [recurso eletrônico] / Fred R. Volkmar, Lisa A. Wiesner ; tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa ; revisão técnica : Maria Sonia Goergen. – Porto Alegre : Artmed, 2019.

PEBMED – WWW.pedmeddsm.com.br Acesso em 25 de junho de 2021.